

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Lais Ferreira Marques Espósito

**O AMBIENTE ESCOLAR E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CRIANÇA E NATUREZA NA PRIMEIRA
INFÂNCIA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Msc. Luciana Bittencourt Villela

Juiz de Fora
2018

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Lais Ferreira Marques Espósito, acadêmica do Curso de Graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472245A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O AMBIENTE ESCOLAR E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CRIANÇA E NATUREZA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**, desenvolvido durante o período de 04 de setembro de 2018 a 29 de novembro de 2018 sob a orientação da Prof.^a Msc. Luciana Bittencourt Villela, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 28 de novembro de 2018.

Lais Ferreira Marques Espósito

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de (X) 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O AMBIENTE ESCOLAR E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CRIANÇA E NATUREZA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Lais Ferreira Marques Espósito¹

RESUMO

O trabalho propõe uma reflexão sobre a importância do contato das crianças com elementos e espaços naturais na primeira infância (de 0 a 6 anos) e a responsabilidade das instituições de ensino na promoção dessa relação. Isto porque, vivenciamos um momento em que temas como meio ambiente, sustentabilidade e ecologia tem estado cada vez mais presentes no nosso cotidiano e, por isso, nos fez suscitar indagações de como essas questões tem reverberado na infância e, especialmente, no ensino infantil, uma vez que, parcela considerável das crianças permanecessem de 4 a 8 horas, em instituições como creches e escolas de educação infantil. Para isso, utilizamos uma pesquisa qualitativa de base exploratória, uma proposta de análise e interpretação dos dados, utilizando livros, artigos, ensaios de diversos autores.

PALAVRAS-CHAVE: AMBIENTE; NATUREZA; INFÂNCIA; EDUCAÇÃO; PEDAGOGIA

1. INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Censo Escolar do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) realizado em 2017 e 2018, o número de crianças matriculadas em creches em período parcial e integral foi, respectivamente de 2.785.336 e 3.919.572 em 2017 e 5.731.854 e 7.817.664 em 2018. Já as crianças matriculadas na pré-escola em período parcial e integral foram, respectivamente 10.490.415 e 1.373.568 em 2017 e 21.316.512 e 2.417.406 em 2018. Esses dados demonstram um aumento significativo de matrículas no período de um ano, totalizando, aproximadamente 11 milhões nas pré-escolas e 7 milhões nas creches.

Segundo o Ministério da Educação (MEC) crianças de 0 a 3 anos devem ser destinadas as creches e a partir dos 4 anos (idade obrigatória de matrícula escolar) devem ser conduzidas para a pré-escola até completarem 6 anos, quando ingressam no primeiro ano do ensino fundamental. Conforme a resolução CEB/CNE nº 5/2009, art.5º, § 6º a jornada de ensino deve ser de no mínimo quatro horas, podendo se estender a sete horas ou mais. Nas instituições públicas o funcionamento da educação infantil acompanha a mesma organização do ensino fundamental e médio, que conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) devem ter 200 dias e 800 horas como carga mínima anual. Além disso, as instituições de ensino infantil gozam de liberdade na escolha da metodologia de ensino ou linha filosófico-pedagógica que irá adotar, desde que estas não se coquem com as deliberações da LDB.

Podemos supor, por meio dos dados acima, que boa parte das crianças que está vivendo a primeira infância, também está vinculada a instituições de ensino infantil, passando, em muitos casos, mais tempo nessas instituições do que convivendo com sua família. Isso nos faz refletir sobre a responsabilidade que as escolas possuem no processo de desenvolvimento integral dessas crianças.

Devemos pensar, então, como as práticas pedagógicas dessas instituições de ensino podem e devem contribuir para o pleno desenvolvimento da criança em sua primeira infância, oportunizando diferentes experiências, inclusive, de contato com a natureza.

Segundo Tiriba (2010) “as creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque lá as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver. Sendo assim, a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas.”

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: laisferreiramarques@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profª. Msc. Luciana Bittencourt Villela

Afirma ainda que o distanciamento entre seres humanos e natureza está no cerne das dicotomias que definem a visão de mundo moderna, inclusive nas práticas pedagógicas. Então, cabe a reflexão se essas Instituições de Educação Infantil (IEI) estão reforçando, em seu cotidiano, este distanciamento das crianças do mundo natural.

Segundo Grün (2003 apud TIRIBA, 2010) “como podemos ter uma educação não-ambiental se desde o dia do nosso nascimento até o dia de nossa morte vivemos em um ambiente? [...] A única maneira de se entender o conceito de natureza na teoria educacional é por meio de sua ausência. [...] Tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora de um ambiente”.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a relevância do contato de crianças com espaços e elementos da natureza para o seu processo de desenvolvimento físico-motor, psicoemocional e cognitivo, especialmente na primeira infância, analisando como as instituições educacionais têm oportunizado esse contato, especialmente, em função do tempo representativo que essas crianças permanecessem nesses ambientais escolares.

Para isso, adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e exploratório que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses para novos estudos sobre essa área temática.

2. INFÂNCIA E NATUREZA

É sabido que o contato com a natureza traz numerosos benefícios aos indivíduos por toda sua trajetória de vida. Segundo Guattari (1990) esse contato é o que nos reconecta e, assim, quando o Ser Humano se desconecta de sua origem orgânica, passa a não se compreender e a perder toda sua ligação com o que o torna natural.

O vínculo da criança com a natureza acontece desde as suas primeiras experiências de vida, pois ela se apropria da natureza em seu sentido mais amplo e, essa apropriação, lhe traz múltiplos benefícios, capazes de propiciar uma compreensão mais abrangente do mundo e sobre tudo que compõe o ambiente. Se esse convívio com a natureza for estimulado, os benefícios sobre essas experiências e vivências serão carregados durante toda uma vida.

Esse contato com a natureza nos primeiros anos da infância, permite que a criança aprenda a lidar de maneira branda com seus sentimentos, muitas vezes confusos e contraditórios, e lhe trará clareza dos valores emocionais, criativos, da relação consigo mesma, com o outro, com os animais, as plantas, adquirindo um conhecimento sobre tudo que a rodeia.

A natureza oferece a cura para uma criança que vive em uma família ou uma vizinhança destrutiva. Ela funciona como um papel em branco em que a criança desenha e interpreta suas fantasias culturais. A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade, a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado. (LOUV, 2016, p. 29)

A liberdade que a natureza traz para as crianças nessa etapa é de extrema relevância para que ela compreenda a importância da autonomia, além de aprender a sentir o ambiente sem a interferência excessiva dos adultos, observando e entendendo o espaço a partir de seus sentidos primordiais.

Nos primeiros anos, a criança é desafiada a desenvolver muitas habilidades que serão utilizadas por ela durante toda a vida, como andar, falar, cair e se levantar, todas essas habilidades são ensinadas pela experiência, e é nesse momento que a criança também começa a desenvolver sua criatividade que é algo único gerado por ela de forma autônoma.

Segundo Heike Freire “a criatividade nos confere o impulso de libertar-nos das normas externas e viajar para dentro de nós; de tolerar a ambiguidade e explorar o desconhecido; de correr riscos, sermos flexíveis e adaptar-nos” (FREIRE, 2013, p 52)

Estudos que comprovam a importância do contato da criança com a natureza, principalmente no brincar, pois quando a brincadeira não tem intermediação de objetos ou ações programadas, a criança é

incentivada a criar e a imaginar sem padrões já preestabelecidos, como formato, cor, textura, etc. Espaços que adotam estruturas fixas, pré-elaboradas, somente brinquedos já acabados, não estimulam o desenvolvimento criativo e lúdico da criança, transformando o ambiente do brincar em algo limitante e desinteressante que se esgota facilmente. Freire (2013) demonstra quatro tipos de brincadeiras que desenvolvem várias habilidades nas crianças de acordo com os especialistas:

Com movimentos: favorecem o amadurecimento do sistema vestibular (situado no ouvido interno e responsável pelo sentido do equilíbrio) e incidem diretamente sobre as habilidades psicomotoras, contribuindo para formar a noção de espaço.

Com manipulações de objetos: ajudam a estruturar e coordenar diversas áreas cerebrais (dizem que o ser humano tem cérebro porque ele dispõe de mãos) e encontram –se na base de muitos conceitos geométricos e matemáticos.

Símbolos ou representativos: acompanham o desenvolvimento das capacidades de simbolização, que estão na base dos processos de abstração e raciocínio, de comunicação, intuição e relações sociais e afetivas.

Com regras: aparecem como uma necessidade de regular as relações e fixar uma estrutura estável para o vínculo social.” (FREIRE, 2013, p. 54)

O brincar livre para a criança vai muito além do ato, pois é um exercício de constituição do indivíduo. Para Thomas & Harding (2011), as atividades ao ar livre estimulam a criança de variadas formas e ajudam a mesma a desenvolver habilidades como equilíbrio físico-motor e psíquico-emocional, habilidades sensoriais e desperta a curiosidade por esse ambiente. Assim como, desenvolve a confiança e a consciência sobre seus limites. Contudo, infelizmente, é notório que as crianças têm se afastado das brincadeiras livres que privilegiam atividades ao ar livre e sem roteirização e uso de tecnologias e brinquedos pré-concebidos.

E esse afastamento tem sido reforçado pelas escolas, a partir de um processo de intelectualização precoce e um excesso de atividades programadas, extra sala e extracurriculares, não proporcionando momentos de liberdade e ócio, tornando os ambientes escolares estressantes e desestimulantes. Segundo Laevers (1994), a criança só desperta interesse pela aprendizagem quando essa descoberta está conectada ao seu bem-estar físico e emocional. Estando assim, ela se dedicará a aprender e o sentimento de curiosidade e prazer invadirá seu corpo e alma e fará com que sua aprendizagem ocorra de forma perene e profunda.

As crianças declaram sua preferência pelos espaços abertos, em contato com a natureza, porque são modos de expressão desta mesma natureza (Espinosa, 1983). Porém a realidade da rotina infantil que encontramos nos dias atuais é bem diferente do que consideramos o ideal, a maior parte do tempo de sua infância acontece em meio a quatro paredes, as distanciando do ambiente natural.

2.1 O AMBIENTE ESCOLAR DO JARDIM DE INFÂNCIA NO BRASIL

O maternal e jardim de infância são fases de descobertas incríveis para as crianças, pois será neste ambiente que ela passará seus primeiros momentos afastados da família, tendo que se relacionar com outros adultos e crianças, além do ambiente diferente. Tudo isso lhe fará descobrir novos saberes e experiências. Esse primeiro contato escolar da criança é sempre delicado, nada se parece com seu lar, são novas regras a serem seguidas, muitas informações, que envolvem sentimentos desconhecidos para esse novo ser que está sendo inserido em sociedade.

Com a necessidade cada vez maior dos pais trabalharem, as crianças têm ingressado cada vez mais cedo nas IEI. Hoje o período de permanência nas creches e escolas na primeira infância varia de 4 a 8 horas ou mais, dependendo da instituição e da necessidade da família. Desse montante, as crianças devem passar de 30 a 120 minutos fora da sala de aula, de acordo com as recomendações do portal do MEC (2008). Contudo, em algumas creches e escolas, devido à falta de infraestrutura e de cuidadores para acompanhamento, as crianças não desenvolvem nenhuma atividade fora de sala. Além disso, alguns ambientes abertos que são disponibilizados pelas IEI, são espaços cimentados, sem qualquer resquício de elementos naturais, como árvores, grama, terra, água, etc. Geralmente, o pátio não possui muitas opções de brinquedos ou objetos que

estimulem a criatividade, limitando as brincadeiras e a possibilidade de expressar seus sentimentos e desenvolver os seus sentidos.

A natureza inspira a criatividade da criança demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos, dada a oportunidade, a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado. A natureza também pode assustar, e até mesmo esse medo tem um propósito. Na natureza, a criança encontra liberdade, fantasia e privacidade – um lugar distante do mundo adulto, uma paz à parte. (LOUV, 2016, p. 30)

Alternativas como levar os alunos a parques, praças, campos abertos, estão cada vez mais distantes das instituições tradicionais devido à falta de funcionários para acompanhar estes alunos. A verdade é que quando este tipo de aula acontece é sempre como uma exceção e não faz parte da rotina semanal dessas escolas.

As instituições agem como se o mais importante para a vida dessas crianças estivesse dentro das quatro paredes da sala de aula, e nada mais precisasse ser mostrado ou vivido. O modo como a relação entre a criança e a natureza é estabelecido por essas instituições faz parecer que a natureza estará lá quando precisarem, e que isso não é algo a se preocupar agora, como se essa relação não precisasse ser estabelecida desde a infância. O que podemos observar é que os ambientes naturais têm perdido espaço para as áreas construídas, seja nas escolas, ou nas cidades em que elas habitam.

Nas instituições tradicionais, o que tem valor é o que pode ser aprendido dentro da sala de aula, mantendo uma rotina previsível com tarefas diárias que demonstrem de maneira palpável que conteúdos disciplinares foram transmitidos e aprendidos, como se o contato com a natureza não pudesse fornecer conhecimentos importantes que, muitas vezes, o lápis e o papel não podem proporcionar.

Dentro da maioria das IEI a rotina é estabelecida de forma a não ser compreendida a individualidade de cada aluno, existe uma hora exata para cada atividade que deve ser feita por todos, hora do lanche, hora do sono, hora de brincar, hora das atividades, tudo deve ser seguido de acordo com o cronograma do orientador. Mas devemos compreender que cada indivíduo é único e possui suas necessidades de forma particular. Barbosa (2006, p.145) descreve sobre a relação de rotina e tempo estabelecidos pelas escolas para com as crianças: “a existência de uma sequência temporal é outra característica das rotinas da educação infantil. Em geral há uma sequência entre as atividades, a qual está previamente estabelecida e segue um padrão”.

Como a hora do sono, porque obrigar uma criança a dormir se aquela não é a necessidade que ela possui naquele momento, desrespeitando sua individualidade e a obrigando a entrar no sistema que lhe é imposto. Sabemos que regras são importantes e que ter certa rotina facilita a vida das crianças, mas partir disso para uma imposição de comportamento não traz resultados positivos, estudos mostram que esses momentos acabam por causar estresse nas crianças por não poderem demonstrar seus sentimentos e vontades.

Acorsi descreve essa relação de poder hierárquica que as instituições possuem para com os alunos:

A compreensão tempo-espaço traz à tona, de forma bastante significativa as relações de poder que agem na sua produção, refletidas tanto pela capacidade de mobilidade quanto pela capacidade de controle, cocando os sujeitos como colaboradores em um momento e como prisioneiros em outro (ACORSI, 2007, p. 49).

A verdade é que essa rotina dentro das salas de aula tradicional traz mais facilidade aos educadores em controlarem os alunos, e o ambiente ao ar livre traz liberdade para as crianças, o que gera dificuldade aos mesmos em “controlá-las”, o que facilita, segundo as instituições, as aulas em sala de aula. O fato das crianças gostarem tanto de estar em contato com o ar livre é devido a relação que elas tem com estes espaços, pois elas são levadas nesses ambientes apenas em momentos de diversão, de quebra da rotina, o que as faz ter sempre uma reação positiva, como liberdade para tomar decisões, e experiências que a sala de aula não pode proporcionar a elas.

O estabelecimento da fronteira dentro/fora marca fortemente as posições de sujeito, produzindo identidade e alteridade. A escola, através da normatização do tempo e do espaço, define o padrão de aprendizagem a que todos os sujeitos devem ser submetidos. A determinação de uma aprendizagem comum a todos, ao mesmo tempo, no mesmo espaço e com os mesmos saberes é normatizada pelo currículo e é através dele e de uma série de estratégias que a escola busca transformar os escolares em sujeitos autogovernáveis e autônomos (ACORSI, 2007, p. 57).

Abrimos aqui um momento de reflexão necessário ao desenvolvimento de uma mudança nos parâmetros curriculares que focam na vertente tradicional de ensino. Tendo como embasamento teórico a pedagogia baseada nos preceitos de uma educação ambiental-natural, precisamos reconhecer que:

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles – mesmo que já passaram da infância – são expostos à mais ínfima experiência direta em um ambiente natural. (FREIRE, 2014, p. 78).

É importante repensarmos sobre o sistema de educação imposto pelas instituições de ensino tradicionais na primeira infância principalmente nas áreas de recreação disponíveis a elas.

Nos espaços de recreação é preciso encontrar maneiras de permitir que as crianças possam ir além do local pavimentado, ter acesso a vegetação e à terra, abrir túneis, construir canais e diques, subir em coisas e até mesmo cair. Criar espaços que ofereçam oportunidades de interação entre as características físicas típicas do ambiente e os interesses e as ideias das crianças; lugares onde elas possam reinventar a paisagem para conhecer diretamente o mundo. (FREIRE, 2014, p. 78)

Desde o século XIX o método escolar vem sendo reproduzido com o intuito de gerar novas cabeças pensantes, e a reproduzir o que lhes é ensinado dentro de sala de aula, porém hoje já é possível observar que este modelo vem sofrendo certo esgotamento e é preciso obter mudanças.

É necessário repensar este modelo e criar um planejamento pedagógico com novos valores, em que as crianças possam ter uma visão e vivência mais profunda sobre o mundo como ele é, gerando uma sociedade com uma perspectiva mais sustentável.

Precisamos de seres que saibam compreender as necessidades do mundo de hoje, é preciso que o ambiente natural faça parte da rotina das crianças, para que elas possam conhecer e aprender a apreciar, admirar e a cuidar do que pertence a elas, e assim conhecer a si mesmos de maneira mais intensa, para que essa relação de dominação não perdure por gerações vindouras.

Por isso é de extrema importância que este contato seja estimulado, nós não somos formados apenas pela nossa racionalidade, precisamos compreender que o ser humano é composto por vários outros elementos, somos seres da natureza, que nos perdemos em meio aos valores da modernidade, necessitamos desse contato com os elementos que compõe o mundo natural.

É preciso pensar que nenhum humano sobrevive sozinho, e a vida não se passa apenas entre quatro paredes, vivemos em um sistema vivo, compartilhamos o planeta com milhares de espécies que sem as quais a vida na terra não seria possível, vivemos em um coletivo social-cultural onde os indivíduos que a compõe possuem suas diferenças e suas particularidades.

Nos cantos mais desprovidos de natureza do nosso mundo, percebemos o surgimento do que pode ser considerado um autismo cultural. Os sintomas: Sentidos atrofiados e sensação de isolamento e confinamento. A experiência, incluindo o risco físico, está encolhendo até basicamente o tamanho de uma tela de televisão (FREIRE, 2014, p. 86)

É necessária a consciência do equilíbrio e bem-estar social, apenas uma pedagogia que respeite as particularidades de cada indivíduo e suas necessidades corporais poderá formar crianças que conheçam a si mesmas e ao mundo em que habitam, levando-as a compreender a importância do natural e por consequência do cultural. É repassando esses valores que vamos construir uma sociedade mentalmente saudável, de pessoas não antropocêntricas, que saibam lidar melhor com o mundo moderno tão consumista, materialista e destrutivo como o que estamos vivendo hoje.

Para Carl Honoré (2010, p. 407) o uso excessivo do mundo virtual tem causado problemas de socialização em crianças e jovens: “Os jovens de hoje têm 400 amigos no *Facebook*, mas nenhum com quem possam ir brincar no parque”

Muitas crianças passam horas entre quatro paredes que não tem consciência das mudanças de tempo e das estações. A primavera, o outono, o verão e o inverno são para elas uma imagem abstrata, exclusivamente visual, desenhada ou colocada sobre uma folha de cartolina na escola. (FREIRE, 2014, p.31)

No mundo moderno em que vivemos, com o método de ensino exaustivo, composto por diversas atividades durante todo o dia, com milhares de informações que devem ser absorvidas de forma rápida, excessos de estímulos em alta intensidade, o que tem causado numerosos problemas na sociedade em que vivemos. Nas escolas, o comportamento impulsivo de alguns alunos não é compreendido, mas a questão é que essa rotina de tarefas diárias a serem realizadas tem causado um amadurecimento precoce e junto a isso a diminuição de qualidade de vida dessas crianças.

Freire afirma que “nas crianças a fadiga sensorial se traduz em um comportamento impulsivo, agitação, irritação e incapacidade para a concentração” (2014, p.31). O equilíbrio, a saúde física e mental das crianças em alerta. De acordo a Organização Pan-americana da Saúde (2017), com dados obtidos pela organização *Imperial College London* e a Organização Mundial da Saúde (OMS) o número de crianças e adolescentes obesos aumentou dez vezes nas últimas quatro décadas, chegando ao número de quase 50 milhões de meninas e 74 milhões de meninos obesos entre cinco a dezenove anos. Além disso, a pesquisa aponta questões como o estresse, comportamentos violentos, falta de destreza motora e baixo-estima e baixa autoconfiança.

[...] A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar. (GALARDINI e GIOVANNINI.2002. p. 118).

Marilena Chauí (2001:209), diz que a Natureza “é o princípio ativo que anima e movimenta os seres.”, é nesse sentido que devemos compreender o contato criança- natureza, como o equilíbrio e movimento de que elas precisam, esse é o cuidado que precisa ser dado a elas, introduzindo elementos naturais nos locais de recreação das IEL, como água, terra, barro e areia, quebrando essa ideia errônea do ambiente natural como algo perigoso que traz doenças e contaminações, pois com as devidas manutenções do ambiente escolar natural, esses elementos trarão apenas resultados benéficos.

Desse modo podemos introduzir os pequenos a passeios ao redor da escola, e ampliar o seu espaço de convivência com os maiores, ensinando assim a conviver com o outro, e com as diferenças que compõe cada indivíduo que pertence àquele espaço. Pois assim ensinamos aos pequenos as diversidades que a natureza

possui não diferente dos humanos que se constituem de características diferentes em qualquer lugar do mundo, pois não há um ser que é igual ao outro, possuímos nossas semelhanças e com elas nos comunicamos e formamos a sociedade em que vivemos.

É necessário repensar a rotina imposta pelas IEI, pois sabemos que alguns itens que compõem essa rotina são de extrema importância para as crianças, porém deve-se considerar a possibilidade de uma maior liberdade na tomada de decisões nos momentos de comer, dormir e defecar, promovendo o autoconhecimento de seus corpos, suas necessidades e seus desejos. Assim como nas brincadeiras ao ar livre, é preciso respeitar a vontade e liberdade de a criança poder optar com quem e como deseja brincar, para que ela descubra as diversas formas de desenvolver esse momento de descontração, utilizando os elementos naturais deste espaço e desenvolvendo seus sentidos livremente.

Simultaneamente, a qualidade sistêmica da natureza oferece à criança a noção de complexidade e interdependência, valores fundamentais para pensar sua ação no mundo e as próprias relações sociais, incluindo reflexões sobre o paradigma antropocêntrico. Portanto, se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar. (TIRIBA. 2018.p.22)

A criação de uma horta no ambiente educacional natural pode ajudar muito no contato da criança com a natureza, fazendo-a compreender não apenas o que está pronto, mas como cada processo da vida é importante, plantar, cuidar, observar, colher e consumir, assimilando todo o processo de desenvolvimento dos alimentos que ela consome o que estimula os sentidos, a valorização dos alimentos e melhora a qualidade de alimentação dos alunos.

Brincar na areia, participar de piqueniques à sombra das árvores, pendurar-se nelas, encantar-se com o canto dos pássaros ou com a beleza das flores, tomar banho de chuva, cultivar uma horta, criar uma escultura a partir de um galho e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida. (TIRIBA. 2018.p.21)

Esse estímulo deve ser inserido na rotina das crianças, para que elas possam participar ativamente de todo o processo de produção.

[...] O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes se sintam acolhidos, um lugar que abra espaço às relações. (RINALDI. 2002.p. 77)

A educação infantil ambiental deve trazer consigo um ambiente de prazer e autoconhecimento, abrangendo a consciência corporal, espiritual e emocional. Utilizando elementos da arte, música e dança, para que as crianças possam compreender seus corpos promovendo uma integração à cultura. Desta forma o conhecimento se torna amplo, rompe com os padrões de ensino pré-estabelecidos, permitindo uma visão de mundo mais próxima da realidade que necessitamos.

Sabemos da dificuldade em promover aulas fora dos muros da escola devido aos espaços da cidade não serem pensados para as mesmas, pois normalmente os espaços comuns da sociedade são pensados somente para os adultos que circulam em meio ao seu dia a dia, mas somente frequentando esses lugares com elas essas mudanças passarão a serem pensadas por aqueles que as constroem. “Assim, nesse contexto, os parques e as praças também são territórios educativos, bem como os espaços escolares podem ser considerados um incremento do sistema de áreas verdes das cidades” (TIRIBA. 2018.p.32)

As instituições devem promover atividades onde as crianças possam desenvolver seu lado afetivo pelo outro e para com a natureza, somente criando esse laço, elas poderão compreender a importância do não desperdício, da valorização do próximo, e irão agregar valor ao que realmente importa e não pode ser comprado, reduzindo suas necessidades de consumo pelos objetos que trazem a falsa sensação de preenchimento sentimental.

“A desvalorização do mundo humano aumenta em proporção direta com a valorização do mundo das coisas.” Karl Marx, a partir dessa reflexão sobre o mundo capitalista em que as crianças vivem hoje desde muito cedo passam a ter contato com a cultura de consumo, e não é desse consumo que elas realmente necessitam, essa cultura de falso prazer sobre o que se consome aprisiona os seres em uma busca constante de felicidade impossível de ser alcançada, gerando sentimentos negativos e alta insatisfação. Por isso é preciso que se crie desde cedo nas crianças a conscientização de um consumo equilibrado, para que elas saibam reconhecer o que é necessário e o que não é. Dessa forma, ensinando aos alunos desde a primeira infância sobre a consciência em relação ao consumo, podemos gerar resultados positivos além dos muros das escolas, mas também dentro de suas casas e dos ambientes no qual estão inseridas.

3. PROJETOS PEDAGÓGICOS DE EDUCAÇÃO EM CONTATO COM A NATUREZA

A educação ambiental deve atuar juntamente com os sistemas sociais, devido a isso a educação é de extrema importância para a construção de uma sociedade que obtenha um olhar sustentável, cultural, ético, com cidadãos empoderados, que se sintam mais preparados para lidar com os desafios da contemporaneidade, sendo relevante afirmar que quanto mais cedo esses ensinamentos forem repassados, melhor será o resultado a ser colhido no futuro. Promovendo a recuperação social - ambiental, intensificando o modo de educar possibilitando mudanças culturais e sociais, desenvolvendo um novo modelo de educação, com novos modos de pensar.

As escolas devem obter meios para que os alunos tenham acesso ao ambiente natural, e ter conhecimento sobre a importância das ações humanas, tanto para si, como para com os outros seres que habitam seu meio comum e o ambiente em que habitam. Eles devem aprender a desenvolver suas habilidades, personalidades, criando um meio de convivência social saudável, justo e construtivo.

Essa consciência ambiental pela qual a escola deve potencializar no aluno trará não apenas benefícios a comunidade escolar, mas também a sociedade em que a cerca, pois eles levarão consigo os ensinamentos, lhes dando oportunidade de mudar a comunidade onde vivem, os transformando em cidadãos atuantes. Por isso é importante que a escola promova atividades externas, interligando os alunos aos espaços comuns sociais, contribuindo para o processo de formação social do aluno.

... fatores como o tamanho da escola, número de alunos e de professores, predisposição destes professores em passar por um processo de treinamento, vontade da diretoria de realmente implementar um projeto ambiental que irá alterar a rotina na escola, além de fatores resultantes da integração dos acima citados e ainda outros, podem servir como obstáculos à implementação da Educação Ambiental” (ANDRADE, 2000).

O processo de mudança nas escolas de pedagogia tradicional para uma educação ambiental é doloroso, pois necessita de grande empenho da parte docente das IEl juntamente com os pais e a comunidade, somente com este envolvimento por parte de todos que formam o meio social em que os alunos vivem, o projeto poderá obter sucesso. ANDRADE (2000) A escola deve optar: “por um processo de implementação que não seja hierárquico, agressivo, competitivo e exclusivista, mas que seja levado adiante fundamentado pela cooperação, participação e pela geração de autonomia dos atores envolvidos”.

Os educadores, apesar de bem-intencionados, geralmente ao buscarem desenvolver as atividades reconhecidas como de educação ambiental, apresentam uma prática informada pelos paradigmas da sociedade moderna. Ou seja, é queremos fazer diferente pensando da mesma forma. (MELLO e TRAJBER, 2007).

A citação acima reforça mais uma vez, a importância da mudança no modo de pensar dos educadores para que se apliquem os conhecimentos de maneira transformadora, e não apenas como conhecimentos a título de informação teórica.

Segundo o artigo 1º da Lei nº 9.795/99 a educação ambiental contém “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Criado pelo artigo 14 da Lei nº 9.795/99 e regulamentado pelos artigos 2º e 3º do Decreto nº 4.281/02.

Acreditando neste modo de educar, onde o se reconhece a importância de conscientizar e adquirir conhecimento do mundo e de si mesmo além dos conhecimentos teóricos, iremos demonstrar alguns entre tantos projetos formados por docentes do Brasil, que uniram suas forças para tornar realidade esse modelo de educação, com o objetivo de agregar outros tipos de aprendizagem e tornar o futuro desses estudantes uma realidade diferente da que estamos vivendo nos dias de hoje, agregando valores que serão levados durante toda a vida, trazendo a natureza e suas necessidades para o dia a dia desses alunos.

O primeiro projeto a ser apresentado é o Criança e Natureza, que ocorreu por iniciativa do projeto Alana, fundado por Ana Lucia Villela

A decisão de investir em um programa que objetiva criar condições favoráveis para que as crianças cresçam em contato com a natureza foi pautada na percepção de que a criança está cada vez mais emparedada e institucionalizada, e de que lhe falta tempo e liberdade para interagir com espaços mais amplos e com a natureza. (TIRIBA. 2018.p.12).

O projeto foi criado com o intuito de resgatar a educação ambiental transformando a vida de crianças dentro das instituições de ensino, de modo para que as mesmas possam ter uma melhor qualidade de vida, respeitando a natureza e conhecendo melhor o mundo vivo em que elas habitam. “Em 2015, conhecemos a beleza da surpreendente trajetória de oito anos da Educação Infantil de Novo Hamburgo, RS, que em um caminho de reflexão e estudo sobre a prática, percebeu a importância de desemparedar as crianças e ressignificar o pátio escolar.” (TIRIBA. 2018.p.14)

Esse projeto de replanejamento descoberto pelo Criança e Natureza contava com o total de 33 escolas, onde a comunidade, os professores e pais se uniram após observar que as crianças necessitavam de uma educação com valores diferentes do padrão anteriormente oferecido, resolveram então se unir e construir um método de ensino que visa uma educação de qualidade introduzindo um novo pensar ambiental para os pequenos, utilizando de espaços fora dos muros da escola, como o gramado de uma igreja da cidade, eles obtiveram resultados positivos mesmo não uma condição financeira de investimento, mostrando que é possível introduzir uma educação inclusiva sem necessitar de grandes projetos.

Outro projeto interessante é uma parceria realizada entre o Projeto Criança e Natureza do Instituto Alana e o Programa Rede da Associação Vaga Lume, eles criaram um método de mediação entre alunos da cidade de São Paulo e comunidades rurais da Amazônia Legal brasileira, em um intercâmbio cultural com o tema Nós e nosso meio ambiente

O programa é estruturado em ciclos anuais de intercâmbio: os estudantes de São Paulo e da região amazônica produzem trabalhos coletivos e trocam correspondências constantemente. Ao final de cada ano, a Vaga Lume realiza um acampamento, que é considerado o maior momento de integração do ciclo, pois é o evento que reúne representantes dos adolescentes e educadores de todas as instituições envolvidas. A programação inclui apresentações culturais, gincanas colaborativas, visitas a equipamentos culturais e uma feira cultural, onde os estudantes apresentam e compartilham os trabalhos confeccionados ao longo do ano. (Relatório de pesquisa instituto Alana em parceria com Vaga Lume)

Este programa promove acesso a crianças de ambas as localidades conhecerem um pouco sobre suas diversidades culturais, e sobre a biodiversidade dos ambientes naturais existentes no mundo em que vivem, as permitindo ter contato com outras crianças que elas não poderiam ter se não pelo projeto, as estimulando a conhecer o desconhecido, e a compreender as limitações e questionamentos de quem possui uma realidade diferente da que estão habituadas.

A educação ambiental deve ser conduzida de forma que os alunos possam conhecer a natureza pela qual elas pertencem e isso engloba o contato direto com ela não apenas nas escolas, mas fora dela também, pois só vivenciando o que acontece fora, ele será capaz de criar um olhar crítico, que possa no futuro visualizar os problemas, criar soluções e entender que vivemos na biodiversidade de espécies e que somos apenas uma da cadeia alimentar que necessita assim como todas as outras da natureza viva e preservada.

Em Porto Alegre temos o exemplo da escola Municipal de educação infantil EMEI Humaitá, o projeto leva o nome Cuida da Terra, onde os alunos possuem uma educação verde, que visa a aprendizagem da natureza e o cuidar ambiental, o contato dos alunos com a natureza acontece todos os dias. De acordo com a reportagem de Luís Felipe dos Santos publicada no site Gaúchazh dia 02 de outubro de 2017

Essa é a grande proposta da escola, que é discutida e aprimorada há muitos anos. Até os nomes das turmas (Lagarta, Casulo, Borboleta) têm a ver com um ciclo da natureza. Quando os pais inscrevem seus alunos na escola, já conhecem a proposta – afirma a diretora, Gabriele Abreu.

A escola possui estrutura sustentável, todos os alimentos da horta que os alunos cultivam são utilizados para a alimentação dos mesmos, os papéis utilizados são recicláveis, as sucatas produzidas pelos alunos são utilizadas para trabalhos da escola. Com o objetivo de criar não apenas novos hábitos alimentares e também consciência ambiental. E segundo a diretora os pais percebem as mudanças nos hábitos dos alunos principalmente em relação a alimentação fora da escola.

Nós temos muito retorno das famílias. Muitas vezes, as famílias mandam recados agradecendo, mostrando o quanto os hábitos e o consumo das crianças mudaram a partir do trabalho que é feito na escola, como a diminuição do consumo de refrigerantes, por exemplo. Não é apenas “plantar flores”: é trazer tudo que envolve educação ambiental e sustentabilidade para a melhora do nosso ambiente (SANTOS, 2017.)

Sandra Ziegler (2017) descreveu em seu trabalho acadêmico um estudo comparativo em três escolas que possuem educação ambiental utilizando a pedagogia Waldorf, em diálogo com os princípios Steinernianos. As instituições avaliadas para o presente trabalho foram: Centro Estadual Experimental de Ensino Aprendizagem Sesquicentenário (CEEEAS), outra privada, o Instituto Pessoaense de Educação Integrada (IPEI), e outra associativa a Escola Waldorf Rural Dendê da Serra (EWRDS), em Serra Grande, Uruçuca-Bahia, onde após a análise qualitativa e quantitativa a mesma pode concluir que

Tal ensino humanizador considera individualmente, o potencial, os talentos, as habilidades e qualidades do aluno, propondo por meio de sua metodologia e didática de ensino a formação integral do ser humano, para além dos conteúdos curriculares, o desenvolvimento contínuo de um pensar, sentir e agir que corroborem para a intensificação da conexão do ser humano, consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com o mundo, de maneira amorosa, observando os ritmos da natureza da qual o próprio ser humano faz parte. (ZIEGLER, 2017. p. 156).

Os projetos educacionais acima demonstram que para se ter uma educação infantil de qualidade é preciso, e não são necessários grandes investimentos financeiros para que eles sejam postos em prática, mas

sim dedicação, vontade em aprender e ensinar, união entre as instituições escolares, a comunidade e os pais, e principalmente a conscientização da necessidade de mudança no pensar pedagógico atuante das instituições. É preciso vencer as barreiras para que as futuras crianças tenham oportunidade de acesso a uma educação inclusiva que valoriza o ser, e o mundo em que habitamos e não somente a construção do saber teórico. Além disso, é muito importante que possamos não somente conscientizar, mas sensibilizar, criar o sentimento de respeito e amor a natureza, somente com essa sensibilização e valorização do planeta as crianças poderão no futuro compreender a importância do cuidar, pois essa relação humano-natureza é uma via de mão dupla, necessitamos dela para uma vida equilibrada e ela de nosso cuidado para sua melhor conservação.

O cuidado imprimiu sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o cuidado o humano se faria inumano. Tudo o que vive precisa ser alimentado. Assim o cuidado, a essência da vida humana, precisa também ser continuamente alimentado. As ressonâncias do cuidado são sua manifestação concreta nas várias vertebrações da existência e, ao mesmo tempo, seu alimento indispensável. O cuidado vive do amor primal, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem cuidado, o ser humano, como um tamagochi, define e morre. Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência. (BOFF, 1998, p. 190- 191).

A educação ambiental nas instituições de ensino deve promover diversos valores educativos, fortalecendo a união entre os seres e o ambiente em que habitamos, para que esses valores sejam passados adiante nas gerações futuras, é preciso compreender que mudanças no método educacional precisam ser feitas de modo efetivo o quanto antes, para que não precisamos vivenciar possíveis sociedades ainda mais devastadas do que as que vivenciamos hoje.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões acima é possível afirmar as instituições tradicionais de ensino que adotam como objetivo principal o desenvolvimento das capacidades intelectuais das crianças, precisam repensar seu parâmetros curriculares, visto que, com base em nosso trabalho, desconstruímos essa concepção de utilizar o formato de sala de aula como o mais eficiente para estabelecer a atenção e relação de hierarquia no aprendizado, o que contribui mais uma vez para o distanciamento do contato com o ambiente natural.

Diante do exposto, fica evidenciada a necessidade de uma reforma no sistema educacional infantil, e construir um novo modo de pensar, valorizando a inteligência, os valores, a cultura e os sentimentos à vida, é preciso valorizar a importância desse contato com o natural, gerar o bem-estar social e compreender a individualidade dos seres por menor que eles sejam.

É necessário desconstruir esse método de ensino entre paredes e ir além, para que possamos criar uma sociedade mais consciente com o planeta em que vivemos, fazendo-as não apenas conhecer o mundo, mas a si mesmas pertencentes desse ambiente natural, respeitando as necessidades de seus corpos e suas mentes.

Precisamos criar um ambiente escolar mais atrativo, com um espaço-tempo menos delimitado, despertando diversos sentidos, e avaliar o que realmente é importante para essas crianças aprenderem nesses primeiros anos de vida, quais são as memórias que queremos despertar sobre elas no futuro em relação à sua infância, é preciso despertar nelas a curiosidade do autoconhecimento, sobre seu equilíbrio mental – social, para que eles possam no futuro lidar com suas frustrações de maneira branda, e sejam realmente indivíduos autônomos.

Por fim, após este estudo é possível visualizar como uma educação sustentável dedicada no contato da criança com a natureza pode contribuir para um novo método pedagógico humanizado nas instituições de ensino tradicionais, trazendo grandes benefícios para os alunos em uma educação ambiental-social onde os mesmos poderiam ter acesso a uma educação de qualidade, menos estressante e mais estimulante. Para que assim no futuro possamos vislumbrar uma sociedade que possua consciência ambiental, social e cultural, pertencentes de seus corpos e felizes com o mundo em que habitam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACORSI, Roberta. **(Des)encaixes: espaço e tempo na escola contemporânea**. Dissertação (Mestrado). Canoas: [s.n.], 2007.
- ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (Org). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- American Psychological Society (1997). **Reducing violence: A research agenda**. (APS Observer Report 5). Washignton, DC: Autor
- ANDRADE, D. F. **Implementação da Educação Ambiental em escolas: uma reflexão**. In: **Fundação Universidade Federal do Rio Grande**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 4.out/nov/dez 2000.
- BAMBINI: **A abordagem italiana à educação infantil** (pp. 75-80). Porto Alegre: Artmed. 2002.
- BAYLÃO, André e SCHETTINO, Elisa. **A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro**. Rio de Janeiro. 2014.
- BARBOSA, Maria C. Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano, compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CASTRO, L. R.; GARCIA, C. A.; JOBIM E SOUZA, S. (Orgs). **Mapeamentos para a compreensão da Infância Contemporânea**. In: *Infância, cinema e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Vida e Obra*. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. (Apresentação, vida e obra de Marilena Chauí) São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).
- ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. **A Organização dos Espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.
- GRÜN, Mauro. **A outridade da natureza na educação ambiental**. ANPEd, GT 22, 2003.
- GRÜN, Mauro. **Uma discussão sobre valores éticos em educação ambiental**. In: *Educação e realidade*, 19 (2), p. 171-196, jul-dez 1994.
- LAEVERS, F. **The innovative Project Experiential Education and the definition of quality in education**, 159-172. Leuven: LeuvenUniversity Press.1994.
- LANZ, R.A **pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo: Antroposófica, 1979.
- LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. São Paulo, SP, Aquariana, 2016.
- MACHADO, P. A. L. **Direito ambiental brasileiro**. 9.ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2004.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas, SP, Editorial Psy II, 2002.
- MELLO, Soraia, TRAJBER, Rachel. **Vamos Cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, 2007.
- PROFICE, Christiana. **Percepção ambiental infantil em ambientes naturais protegidos**. Tese de Doutorado, Programa de Psicologia Social da UFRN, 2010.
- RINALDI, C. ReggioEmilia: **a imagem da criança e o ambiente**

em que ela vive como princípio Fundamental. Em L. Gandini, & C.

Edwards (Org.). 2002

Thomas, F., & Harding, S. (2011). **The role of Play.** In J. White (Ed.), *Outdoor Provision in the Early Years* (pp. 12-22). London: Sage Publications Ltd.

TIRIBA, Lea, BARROS, Maria. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza.** Rio de Janeiro: Alana. Criança e Natureza. Julho, 2018.

ZABALZA, Miguel, A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed. 1998.

ZEIGLER, Sandra. **Educação Ambiental e a pedagogia Waldorf: estudo comparativo do processo de ambientalização da educação em três escolas em diálogo com os princípios Steinernianos.** Dissertação de mestrado. João Pessoa. (2017)

SITES CONSULTADOS:

A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/a-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-brasileiro>. Acesso em: 29 de novembro de 2018 às 02:01 A.M.

Como colocar as diretrizes curriculares. Disponível em:

<http://pedagogiacomainfancia.blogspot.com.br/2012/05/como-colocas-as-diretrizes-curriculares.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2018 às 2:40 A.M.

Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil. Disponível em:

<http://criancapequenina.blogspot.com/2012/06/dcnei-um-desafio-para-todos-nos.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2018 às 18:09 P.M.

Estado do Mundo, 2010: estado do consumo e o consumo sustentável. Disponível em: <http://www.recicloteca.org.br/>. Acesso em: 10 de outubro de 2018 às 22:13 P.M.

IBGE . Dados de escolarização em Juiz de Fora. 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama> . Acesso em: 05 de novembro de 2018 às 13:17 P.M.

Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf. Acesso em : 28 de Novembro de 2018 às 00:47 A.M.

No Brasil pelo menos 72% das crianças de 10 a 12 anos tem celular próprio. Disponível em:

<https://www.megacurioso.com.br/estilo-de-vida/104920-no-brasil-pelo-menos-72-das-criancas-de-10-a-12-anos-tem-celular-proprio.htm> . Acesso em: 29 de novembro de 2018 às 02:22 A.M.

O que fazer para proteger nossas crianças do consumismo. Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/e-book1.pdf> . Acesso em : 28 de outubro de 2018 às 05:29 A.M.

Obesidade entre as crianças e adolescentes aumentou dez vezes em quatro décadas revela novo estudo do imperial college london e da OMS. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5527:obesidade-entre-criancas-e-adolescentes-aumentou-dez-vezes-em-quatro-decadas-revela-novo-estudo-do-imperial-college-london-e-da-oms&Itemid=820. Acesso em: 29 de novembro de 2018 às 02:38 A.M.

Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos à educação infantil. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf . Acesso às 00:50 A.M.

SANTOS, Luís. Boas Práticas: conheça projetos que promovem a educação ambiental. Projetos do Mapa de Boas Práticas da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho transformam vidas através da promoção do desenvolvimento sustentável e do respeito ao meio ambiente. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/conhecimento-transforma/noticia/2017/10/boas-praticas-conheca-projetos-que-promovem-a-educacao-ambiental-cj86elhit00gl01pdukdkj9gp.html>. Acesso em: 29 de novembro de 2018 às 02:45 A.M.

IBGE- Número de crianças em creches cresce 150% em uma década. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/207-1625150495/17753-numero-de-criancas-em-creches-cresce-150-em-uma-decada>. Acesso em: 30 de novembro de 2018 às 10:36 A.M.